

Imprensa Negra e África no Brasil (1920-1960)

*Rael Fizon Eugenio dos Santos**

As linhas que seguem são uma pequena reflexão que compõe meu projeto de pesquisa a ser desenvolvido nos próximos semestres no curso de mestrado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense. O que se verá a seguir, portanto, são algumas indicações e possibilidades a serem aprofundadas no futuro.

Na última década intensificou-se na sociedade brasileira a discussão sobre as relações raciais no Brasil e sobre a importância histórica da África para o país. Tais discussões ganharam impulso, sem dúvida, a partir da adoção do sistema de cotas para negros em algumas universidades públicas¹ e da lei federal que obriga colégios públicos a tratar da África e da cultura afro-brasileira.² Essas medidas são reivindicações antigas do movimento negro brasileiro, que as vê como forma de combate à exclusão social e de valorização dos negros.

Como apontou Florestan Fernandes³ na década de 1960 – e vemos que tal afirmação ainda se aplica aos dias atuais –, um dos pilares de certo conservadorismo brasileiro é o racismo, ou melhor, a negação do racismo, ou a afirmação de que não constitui no Brasil problema relevante. Tal problema, como constatado por Florestan, sem dúvida dialoga com as visões estereotipadas que temos dos africanos. O antigo esquema “Europa-Branco-Civilização x África-Negro-Barbárie” ainda vive. Portanto, parece coerente a linha dentro do movimento negro contemporâneo que une luta antirracista à difusão de conhecimento e quebra dos estereótipos sobre a África.⁴

Assim sendo, o momento é propício para darmos uma perspectiva histórica às relações entre Brasil e África tendo como foco de análise o movimento negro. Concentraremos nossa investigação no período 1920-1960, momento anterior à valorização do continente africano como parte da mobilização negra.

¹ A Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) foi a primeira universidade do Brasil a utilizar o sistema de cotas, no vestibular de 2002.

² Lei 10.639/03.

³ FERNANDES, Florestan. *O negro no mundo dos brancos*. 2ª Edição. São Paulo: Global Editora, 2007, pp.41-43.

⁴ ALBERTI, Verena; PEREIRA, Amílcar Araújo. “Qual África? Significados da África para o movimento negro no Brasil”, in *Estudos Históricos*, n. 39, Rio de Janeiro, 2007.

Em 1961, José Honório Rodrigues comentou sobre o afastamento histórico de Brasil e África a partir de meados do século XIX, a partir da extinção oficial do comércio de escravos entre as duas partes.⁵ O Brasil, que durante mais de trezentos anos manteve intensas relações econômicas, culturais e políticas com regiões principalmente da África Atlântica, iniciou então um processo de afastamento que dura até meados do século XX.

Esse processo desenvolveu-se também no plano das ideias, com base na ideologia do branqueamento, cujo corolário foi a política imigratória de europeus levada a cabo pelo Estado brasileiro desde meados do século XIX até início do XX. O plano era simples: partindo da ideia, predominante à época, de que o desenvolvimento das sociedades humanas se dá pelas características biológicas (raciais) dos grupos que a compõem,⁶ desenvolver o Brasil, civilizá-lo, passaria necessariamente pela imigração de europeus brancos e pela consequente diminuição do elemento negro em solo brasileiro.⁷

Tais ideias só seriam realmente desconstruídas com Gilberto Freyre e sua visão positiva sobre a miscigenação e a valorização do que ficou conhecido como *matriz africana* da formação brasileira.⁸ Curiosamente, entretanto, essa concepção não evoluiu para uma valorização da África ou do africano. Pelo contrário, perpetuou-se o processo de afastamento. O que se valorizou não foi a África, mas o africano no Brasil, o escravo, a mestiçagem brasileira, a capacidade brasileira – segundo Gilberto Freyre, capacidade herdada do colonizador português – de misturar-se. Este novo viés ideológico valorizou o elemento negro do povo brasileiro e abriu espaço para o desenvolvimento de uma autoestima da população negra. Porém, repetindo o comentário feito por Honório Rodrigues, a África continuou um continente estranho, malvisto, terra do atraso.

Foi a partir da década de 1960 que o Brasil experimentou maior aproximação com a África. No Estado brasileiro, a Política Externa Independente (governos Jânio Quadros e João Goulart – 1961-1964) iniciou um processo de aproximação estratégica, principalmente da África Atlântica (como Nigéria, Angola, África do Sul). Flávio

⁵ RODRIGUES, José Honório. *África e Brasil: outro horizonte*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1961, p.6 e pp.195-202.

⁶ Sobre as teorias raciais que circularam no Brasil, ver: SCHWARCZ, Lilia M. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. 7ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

⁷ Sobre as tentativas de embranquecimento da população brasileira e as disputas em seu entorno no século XIX e início do XX, ver: LESSER, Jeffrey. *A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

⁸ FREYRE, Gilberto. *Casa grande e senzala*. 19ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1978.

Sombra Saraiva nos mostra como esse processo foi acompanhado pela utilização de um discurso da africanidade brasileira – *o discurso culturalista e as ilusões da africanidade brasileira*, como coloca Saraiva –,⁹ cuja elaboração teórica deve muito a Gilberto Freyre e José Honório Rodrigues.

Também o movimento negro “descobriu” a África ao longo da década de 1960 e, sobretudo a partir dos anos 1970, ajudou na afirmação das relações entre o Brasil e o continente. As instituições que foram criadas tendo como foco essa aproximação – como a Sociedade de Intercâmbio Brasil-África (1974), ou o Centro de Estudos Afro-Asiáticos (1973) – devem muito a militantes negros. Segundo Amílcar Pereira e Verena Alberti, a busca por informações sobre a África foi um dos pilares da mobilização negra a partir da década de 1970.¹⁰

Antes de irmos às fontes, pensávamos que desde sua formação o movimento negro brasileiro, de forma geral, tinha na identificação com a África um de seus pilares. Apesar de sabermos do fosso material e ideológico que separava a sociedade brasileira do continente africano, acreditávamos que de alguma forma a mobilização negra pré-1970 agia buscando a corrente oposta. Para nossa surpresa, ao analisarmos alguns jornais e revistas da imprensa negra da década de 1920 à de 1950, constatamos que essa hipótese inicial não se confirmava.

Portanto, em nossa pesquisa, tomaremos os jornais e revistas que compõem a imprensa negra como referência primeira de análise da relação do movimento negro com a África. Esperamos iniciar dessa forma a investigação da presença/ausência desse continente em tal meio.

Que relação existe, na imprensa negra, entre a sociedade brasileira e a África? E entre o negro brasileiro e a África? O que aparece sobre a África, e como aparece, nos periódicos do movimento negro? Qual o papel da África na mobilização negra do final da década de 1920 até a de 1950? Estas são algumas questões que colocamos e esperamos responder ao longo da pesquisa.

Inicialmente, concentraremos nossa investigação em três dos mais importantes periódicos surgidos num contexto de mobilização política negra: o *Clarim da Alvorada* (1924-1932), o *A Voz da Raça* (1933-1937) e o *Quilombo* (1948-1953). O *Clarim da Alvorada* é considerado por muitos autores o primeiro jornal a assumir

⁹ SARAIVA, Flávio Sombra. *O lugar da África: a dimensão atlântica da política externa brasileira (1945-1996)*. Brasília: Editora UnB, 1996, pp. 89-96.

¹⁰ ALBERTI, Verena; PEREIRA, Amílcar Araújo. “Qual África? Significados da África para o movimento negro no Brasil”, in *Estudos Históricos*, n.39, Rio de Janeiro, 2007, p.25-56.

um caráter claramente político na mobilização “dos homens de cor”. Seu principal editor, José Correia Leite, foi um dos marcantes militantes do movimento negro brasileiro do período e circulou por diversos periódicos. O *Voz da Raça* é o jornal oficial da primeira grande organização do movimento negro – a Frente Negra Brasileira. Já o *Quilombo* era editado por membros do Teatro Experimental do Negro, organização de mais destaque dentre as voltadas para o negro no pós-1945. Suas atividades reuniam boa parte das principais lideranças do movimento no período,¹¹ tendo Abdias Nascimento à frente. Além desses três importantes periódicos que atraíram nossa atenção inicial, também procuraremos analisar outros jornais e revistas do período, com o intuito de formar um quadro mais aprofundado.

Nossa investigação se concentrará, em princípio, nos periódicos do movimento negro das cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. Mais especificamente, estudaremos *intelectuais* do movimento, pois são os agentes sociais envolvidos diretamente na produção desses periódicos. Buscando responder às nossas questões, não nos restringiremos à análise dos periódicos, fazendo, também, um estudo biográfico desses intelectuais e levantando os círculos sociais pelos quais transitavam.

Segundo Antônio Pires Liberac,¹² a primeira geração da imprensa negra foi desenvolvida, no fim do século XIX e início do XX, dentro de *associações de homens de cor* de caráter recreativo. O conteúdo dos jornais era voltado para eventos das associações e para a preocupação com a inserção do negro na sociedade brasileira por meio dos bons costumes, da educação e da instrução. Pouco se via nesses jornais sobre aspectos do conjunto da sociedade que não estivessem estritamente ligados a eventos da associação.

Foi a partir da década de 1930, ainda segundo Liberac, e mais aprofundadamente no período pós-1945 que houve uma nítida mudança no caráter da imprensa negra. O surgimento de organizações políticas voltadas para os problemas dessa parcela da população negra – destaque aí para a Associação dos Negros Brasileiros (ANB), a Frente Negra Brasileira (FNB) e o Teatro Experimental do Negro (TEN) – trouxe consigo uma geração de periódicos com perfil claramente político e reivindicatório.

¹¹ OLIVEIRA, Laiana Lannes. *Entre a miscigenação e a multirracialização: brasileiros negros ou negros brasileiros? Os desafios do movimento negro brasileiro no período de valorização nacionalista (1930-1950) – A Frente Negra Brasileira e o Teatro Experimental do Negro*. Niterói: Tese de doutorado, UFF, 2008, p.134.

¹² PIRES, Antonio Liberac Cardoso Simões. *As associações dos homens de cor e a imprensa negra paulista: movimentos negros, cultura e política no Brasil Republicano (1915-1945)*. Belo Horizonte: Fundação Universidade Federal de Tocantins, 2006.

Laiana Lannes de Oliveira estuda as estratégias de ação do movimento negro, da década de 1930 à de 1950, visando à construção de uma identidade negra.¹³ Brasileiros negros ou negros brasileiros? Esta é a questão analisada por Oliveira e que, segundo a autora, permearia a mobilização negra na época. Como conciliar uma identidade negra com uma identidade brasileira num contexto de crescente nacionalismo? Ou seja, como forjar uma identidade para o grupo sem colocar em risco o reconhecimento deste como parte integrante do todo nacional? Oliveira analisa o jornal *Voz da Raça*, da Frente Negra Brasileira, e o *Quilombo*, do Teatro Experimental do Negro. Segundo a autora, no *Voz da Raça* a construção de uma identidade racial se dava a partir de uma base nacionalista. Não havia postura alguma de solidariedade racial com os povos africanos – o negro era, antes de tudo, brasileiro. Já no *Quilombo*, a autora vê um nacionalismo baseado na percepção da singularidade das relações raciais brasileiras, o que se encontrará também em muitos outros periódicos. Entretanto, percebe-se uma exaltação da negritude, um contato com lideranças negras norte-americanas e a luta por ações afirmativas, o que diferencia o *Quilombo* da geração anterior de “periódicos da raça negra”.

Florestan Fernandes publicou no início da década de 1960 um estudo profundo sobre o negro na sociedade brasileira.¹⁴ Em “A integração do negro na sociedade de classes”, o autor nos oferece algumas interpretações sobre a mobilização negra. Ele vê o surgimento de uma imprensa negra num contexto de inquietações e esperanças políticas, que culminaram com a Revolução de 1930. A mobilização seria consequência, antes de tudo, da exclusão do negro do processo de desenvolvimento da sociedade capitalista industrial que ocorria no sudeste. Tal mobilização surgia, nesse contexto, como uma “vanguarda intransigente do radicalismo liberal”, pois se concentrava na exigência do fim das barreiras raciais que impossibilitavam a mobilidade social.

Como Florestan Fernandes, Roger Bastide também se debruçou sobre o estudo do negro e da imprensa negra de 1915 a 1945.¹⁵ Segundo Bastide, a imprensa negra da época buscava agrupar os “homens de cor”, dar-lhes senso de solidariedade, encaminhá-los, educá-los para lutar contra o complexo de inferioridade. Sendo assim, tal imprensa aparece como um órgão de educação e de protesto. Com relação à África, Bastide comenta que a valorização que se faz do negro jamais chega à África. O glorificado jamais é o africano, mas o afro-brasileiro, ou o negro

¹³ OLIVEIRA, Laiana Lannes. op. cit.

¹⁴ FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. 3ª edição. São Paulo: Ática, 1978, vol. 2.

¹⁵ BASTIDE, Roger. *A imprensa negra do Estado de S. Paulo*. São Paulo: Perspectiva, 1973, pp.129-156.

ocidentalizado.¹⁶ Nas palavras do autor: “A valorização do preto se resume, definitivamente, em mostrar a capacidade de assimilação total do preto à cultura do branco.”¹⁷ Assim, serão valorizados na imprensa negra até 1945 os bons costumes, o combate ao alcoolismo, a boa aparência etc.

Miriam Nicolau Ferrara realizou um estudo sobre a imprensa negra paulista em sua dissertação de mestrado defendida em 1986.¹⁸ Ela vai de encontro à tese de que a imprensa negra tinha um caráter de defesa da integração do negro na sociedade a partir da ideologia dominante. Sobre a África, a autora coloca que o destaque era a visão do continente como exótico; mencionavam-se, nos jornais e revistas, principalmente aspectos da cultura africana. Só a partir dos anos 1960 começaram a surgir registros dos movimentos de independência africanos. Ferrara não aprofunda sua análise sobre a presença da África na imprensa negra, mas chega a levantar a hipótese de que “a pouca referência de África na imprensa negra explica-se, até certo ponto, pela falta de conhecimento sobre esse continente, o que era comum no Brasil da época”.¹⁹

A partir da leitura de trechos de periódicos da imprensa negra que estão transcritos na dissertação de Ferrara e que podem ser encontrados também na seção de periódicos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro sob o título *Jornais da raça negra*, podemos realizar alguns comentários preliminares: o jornal *Getulino* nega veementemente a possibilidade de aderir ao movimento dos negros americanos (“a África para os negros”). Segundo o periódico, a casa do negro brasileiro é o Brasil e o negro brasileiro nada tem a fazer na África; além disso, fazia sentido o negro estadunidense querer transferir-se para a África, já que era rejeitado em seu país, porém não fazia sentido o negro brasileiro ter a mesma vontade. Tal passagem do *Getulino* mostra como o nacionalismo dentro do movimento negro barrou aproximações com a África.

Já no *Clarim da Alvorada* vê-se maior abertura ao continente africano. Aliás, José Correia Leite, editor deste jornal e de alguns outros posteriormente, além de colaborar com outros tantos, tem como marca o interesse pelo continente africano. Destaco a seguir algumas passagens presentes no *Clarim da Alvorada*:

A Libéria e a Abyssinia são muito desconhecidos principalmente

¹⁶ Idem. p.148

¹⁷ Idem. P.149.

¹⁸ FERRARA, Miriam Nicolau. *A imprensa negra paulista (1915-1963)*. São Paulo, Dissertação de mestrado, USP, 1986.

¹⁹ Idem, p. 182.

na América do Sul. A sua cultura, o seu comércio, a sua indústria, a sua civilização e a sua educação permanecem ignorados(...).²⁰

A sagrada terra dos nossos avós, tão injustamente considerada como um imenso matagal cheio de feras e negros imbecis, foi objeto de elogiosas considerações por parte do notável jurisconsulto alemão Dr. Mendelssohn Bantholdy(...)

A história completa e sincera do que foi a África está oculta aos povos modernos pela considerável influência americana.²¹

Estas duas passagens do *Clarim da Alvorada*, do início da década de 1930, mostram que, a despeito de a África não estar no centro das atenções do movimento negro até a década de 1960, ela não estava ausente. Havia, sim, certo interesse e identificação, por parte de alguns militantes, em se aproximar daquele continente.

Portanto, buscaremos entender a ausência da África na mobilização negra no período 1920-1960, porém também nos debruçaremos no entendimento da presença de referências à África e aos africanos, que, como vimos, existiam – apesar de não ser um pilar de tal mobilização como seria a partir da década de 1970.

²⁰ Idem, p.183

²¹ Apud Ferrara, Idem, pp.184-185.